



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOTA CRISTINA MACEDO DE ALBUQUERQUE

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado: Carlota Cristina Macedo de Albuquerque

Nascimento: 06/03/1957

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 08/03/2013

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Total de gravação: Cinquenta e cinco minutos e trinta e quatro segundos

Páginas Digitadas: Vinte e duas

Observações: o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Entorno Social; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Formação do Professor João Luiz Rolla; Espetáculos da Escola; Relação pessoal com o professor; Viagem ao exterior; Encerramento das atividades da escola; Professor como criador; Doença e aulas depois do encerramento da escola; Registros pelas ex-alunas; Tentativa de organizar um museu; Período no asilo; Possíveis doações de material para acervo do CEME; Relato final; Relações amorosas; Agradecimentos

Porto Alegre, 08 de março de 2013. Entrevista com Carlota Cristina Macedo de Albuquerque a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

C.A. – Carlota Cristina Macedo de Albuquerque

M. C. – Teu estado Civil?

C. A – Sou casada.

M. C. – Tu tens Filhos?

C. A. – Tenho três meninas.

M. C. – Qual tua profissão?

C. A. – Hoje eu sou coreógrafa, e trabalho como preparadora de preparação corporal da Casa do Teatro de Porto Alegre com atores, do curso de formação de atores.

M. C. – Onde fica?

C. A. – Fica na Garibaldi e na Andradas 230, e na Garibaldi eu não sei o número [risos]. E trabalho com o meu grupo que se chama Terpsi Teatro de Dança. Completamos vinte e cinco anos e a nossa sede fica na rua dos Andradas 230, onde fica o Museu do Trabalho. Então a gente fez uma parceria junto com a Casa do Teatro de Porto Alegre, que a direção é do José Adão¹ e do Jefe Lopes², e eu faço toda a preparação corporal dos atores, e todo um treinamento para esse curso, especificamente para esse curso de formação, e trabalho como coreógrafa do meu grupo, que se chama Terpsi como eu falei, e trabalho como coreógrafa em outros lugares. Mas em projetos específicos, projetos especiais, de diretores que me chamam, não sou residente em outro lugar.

M. C. – Tu és natural de Porto Alegre?

C. A. – Sou de Porto Alegre.

¹ Nome sujeito a confirmação

² Nome sujeito a confirmação

M. C. – Gostaria que tu contasse como iniciou tua história com a dança?

C. A. – Bom, assim eu não vou lembrar datas...Mas, depois tu faz um cálculo [risos]... Assim, eu tenho uma prima irmã que fazia Ballet na escola do seu Rolla³, quando era no centro. Eu não me lembro do endereço, mas a Regina⁴ deve ter já falado sobre isso. E eu ia junto com a Miúda⁵, que a Miúda era assim, foi quem criou a minha mãe, e acabava fazendo os figurinos do seu Rolla, costurando...

M. C. - E quem é a Miúda?

C. A. - A Miúda? A Miúda é... A Miúda é... O nome dela é esse, nem certidão ela tinha, a Miúda veio trabalhar na casa da minha mãe, cuidar da minha mãe, cuidou de todos... Morou na casa de todos, quando eu conheci a Miúda ela já era bem velhinha e em seguida veio a falecer. Ela era baiana, só sabia disso, na hora até quando ela faleceu, ela não tinha nem documentos, a gente teve que fazer... Mas a Miúda era apaixonada por dança, porque uma outra prima minha, tinha sido uma grande bailarina e tinha dançado com o seu Rolla, mas era da mesma geração do seu Rolla, chamava-se Iria⁶, e fazia uns programas na TV.

M. C. - Sabe o nome completo da Iria?

C. A. - Não, mas eu posso complementar para você... Então a Miúda era apaixonada pela Iria, e a Iria fazia uns programas na TV dançando. Existia um tipo de programa na TV aqui de Porto Alegre, que apresentava espetáculos de dança, e a Iria era uma menina prodígio, mas que acabou desistindo da dança, casou. Bem, então Iria acaba não querendo mais dançar. E aí Miúda na casa desta minha prima, meio que torce para que a minha prima Eglaer⁷ seja bailarina. Aí então, eu com esse desejo de dançar, mas acredito que por problemas financeiros que eu não estava no Ballet. Porque eu me lembro de ir junto com a Miúda levar a minha prima Eglaer, que entrava chorando, e isso eu *adorava*, porque ela entrava chorando e ficava lá, e o seu Rolla abria a porta, ou outro professor, que às vezes para as crianças, a maioria das vezes com criança não era ele que dava aula, mas eu podia

³ João Luiz Rolla

⁴ Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

espiar então eu tinha o maior prazer desse espetáculo [risos]... E a minha prima chorava e eu *adorava* e abriam a porta, e lá demoravam, e eu ficava ali, isso que eu tenho na memória. Até que, eu acho que ali por uns oito ou nove anos, quando o seu Rolla estava ali no Araújo Vianna⁸, finalmente eu fui para o Ballet, aí a mãe me colocou no Ballet, e eu adorava absolutamente, só que eu faltava muito porque eu era uma criança asmática, eu tinha crises de asma horrível, assim de ir para o Pronto-Socorro e tudo. Então logo no início eu não era uma aluna que o seu Rolla gostasse muito, porque ele odiava quem faltava. Porque sempre teve prêmio de frequência, então ele dava uns quadros. São quadros que a gente tem até hoje, eu tenho na minha casa, todos nós devemos ter, e a gente procurava não faltar, mas eu nunca ganhava esse tal prêmio de frequência. Mas eu comecei a me apaixonar pela dança absolutamente a me apaixonar, e inclusive quando eu estava estudando para o vestibular aí já maior, minha irmã implicava, porque eu saía, eu dormia no cursinho, porque eu ficava ensaiando até tarde e aí eu já estava realmente querendo ser bailarina. Então o seu Rolla sempre foi para mim um grande criador. Eu me lembro das criações dos espetáculos dele, como professor ele era uma pessoa muito curiosa, não tinha a técnica esmerada, assim, mas ele ia atrás. Ele viajava muito para a Argentina, ele convidava muito as pessoas, era uma pessoa extremamente generosa, ajudava muita gente, ele fez, ele abriu os nossos olhos, isso que eu acho uma coisa de mestre mesmo, ele sabia das limitações e fazia com que a gente pudesse experimentar e vivenciar outras linguagens.

M. C. – Tu fizeste todo o curso lá?

C. A. – Eu fiz tudo lá... E então nós começamos a ficar muito amigos... então o que é que acontece com isso, termina o curso de dança, porque tem um exame final, que ele acabou sendo mais curioso comigo, porque aconteceu assim, a gente tem que escolher uma música no final do ano. São dois dias de exame, e um era o coreográfico, e uma coisa que ele exigia muito é que as músicas fossem todas tocadas em piano, para não apresentar uma diversidade... Uma diferença entre uma grande orquestra e a outra com um pianinho. Então todas as coreografias que seriam analisadas no exame final elas obrigatoriamente tinham que ser tocadas em piano. E na época começou o filme Golpe de Mestre, e eu me apaixonei por essa música, e tentei conseguir, só que depois... uma colega conseguiu para mim, e acabou que outra colega pegou a música, aí eu me arrasei e eu resolvi então, pegar uma

⁸ Auditório Araújo Vianna em Porto Alegre.

música que a dona Amália⁹ uma pianista que tocava sempre nas aulas, tocava sempre, e improvisei, e o meu exame eu fiz uma criação na hora e acabei tirando o segundo lugar, a Leta¹⁰ tirou o primeiro e eu o segundo lugar, mas aí todo mundo ficou sabendo que havia improvisado, inclusive ele, e aí a gente começou a ter uma relação mais próxima, aí ele começou “a ela é maluca mesmo, ela é muito artista, ela é muito teatral” inclusive, aí ele começou a me indicar para participar como bailarina em óperas, na ópera da PUC, me indicou... Ele que me levou quando foi criado o Grupo Experimental, ele que fez que eu fosse até lá...

M. C. – Grupo Experimental de onde?

C. A – Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre. Depois um outro grupo que teve na cidade que virou o grupo Terra Companhia de Dança, mas antes era Companhia de Dança do Rio Grande do Sul que teve uma maldição na PUC, que a associação de professores se uniu para criar esse grupo, então vários professores de dança na época se uniram para criar uma companhia estadual que teria como sede a PUC, isso tem documentado, tem na Zero Hora até também, tem documentário se tu quiseres...

M. C. – Gostaria...

C. A. – E que foi um momento muito importante, então foi o seu Rolla que me indicou que eu fosse lá fazer a “auditions” eu passei na “auditions”, e a companhia acabou não saindo, porque alguns professores já desistiram da ideia, porque alguns dos seus alunos não passaram na “auditions”, e aí acabou... Sei lá, os grandes motivos eu já não sei, e o coreógrafo contratado também era um Argentino, com problemas, o real motivo à gente nunca soube.

M. C. – Deixa eu voltar um pouquinho, lá para esse momento, que tu espiavas na porta. Então assim, tu fizeste todo o curso com ele... primeiro tendo aulas com as professoras, depois com ele. Tu falaste que a formação dele não era tão técnica. Tu sabes como ele se aproximou da dança, como estudou?

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Maria Celeste Spolaor Etges, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

C. A. – Bom assim, ele era atleta, isso você já deve ter pesquisado, ele era atleta assim por excelência, e eu realmente assim, porque eu acho, eu acredito, eu me lembro que ele dizia algumas coisas, mas também agora depois de tanto tempo, que ele começou a... Porto Alegre era na verdade um meio de passagem, das óperas que iam para a Argentina, inclusive ele o seu Rolla me contava sempre, que ele assistia todos esses grandes espetáculos, porque ele era pago para aplaudir, porque como eram trabalhos que a cidade não iria reconhecer, então eles tinham todos medo que viesse um grande espetáculo e que ninguém aplaudisse. Então, me lembro que o seu Rolla ganhava ingresso e ficava na fila aí para aplaudir, então ele começou a viver esse mundo. Ele era um atleta e começou a se envolver, porque eu acho que ele já tinha uma alma artista, essa sensibilidade e começou a assistir espetáculos e aí eu não sei se ele passa a ter uma participação especial na escola da Dona Tony ¹¹ eu sou horrível, como diz os outros para a memória eu sou terrível [risos]. E nesse momento particularmente estou esquecendo muito [risos]. Então assim, o seu Rolla passa a ser um cara muito, muito interessado com as artes, tanto teatro, quanto ópera e eu acho que de atleta como as escolas de Ballet não tinham alunos homens ele passa a fazer parte e fazer grandes papéis, como isso durou muitos anos dentro da dança os homens tinham bolsa de estudo e acho que isso acontece com o seu Rolla. Só que o seu Rolla, além disso, como é um cara muito sensível, muito criativo, ele percebe assim, que a formação de dança aqui em Porto Alegre é tecnicamente frágil. Nenhum professor da época vinha de uma escola oficial com muito tempo de formação em dança, aí ele vai procurar estudar, acho que no Uruguai e na Argentina que era realmente o grande campo de dança da época, que foi, até depois essas pessoas foram para São Paulo, e como, e quando iam para São Paulo passavam sempre na escola do senhor Rolla, isso ele tinha, essa coisa, essa visão de que... Essa necessidade que ele tinha também de crescer artisticamente então, assim a ideia que eu tenho dele é de uma pessoa que nunca quis parar de aprender, sempre instigando a sua própria criação. Eu nunca me esqueço de que ele me disse, eu já coreógrafa falando de alguns problemas, ele disse assim: - “tu não pode ter medo de nada, se não der tu cria, inventa uma outra forma” e isso ele fez uma vez, quando ele fez um espetáculo chamado 2001 que não existia nem o piso de dança e ele comprou metros e metros de tecido e fez

¹¹Antônia Seitz Petzhold.

um grande fundo cênico com piso. Muitos metros, centenas de metros e criou um ambiente... Porque na época não tinham condições, mas ao mesmo tempo foi de uma criatividade maravilhosa, porque deu uma singularidade para o trabalho dele. Bom, então ele passa a pegar formação lá e ao mesmo tempo começa injetar na escola esses convidados que de passagem para São Paulo sempre faziam uma espécie de residência na escola do seu Rolla. Então ele passa a ser um maestro, um mestre que também fica aberto para o mundo, não se fecha naquele momento onde as escolas se fechavam o seu Rolla começa mostrar que tem um mundo lá fora assim, e permitir que as pessoas fossem saindo dali, então acho que isso foi uma grande lição, e claro, ele estudava muito, ele lia muito, e ele fez uma formação que foi, acredito com a Dona Tony, talvez... Isso acho que tem bem já, descrito. Mas ele se conectava com o mundo, entende? Porque naquela época a dança era, estava ali na Argentina, no Uruguai... Então ali saiu tanto os coreógrafos modernos, como maestros, mestres da dança clássica, então a gente tinha essa conexão.

M. C. – Bem, fala então agora um pouco sobre esses espetáculos. Tu viveste vários deles estudando na escola. Como surge o espetáculo na vida da escola, na vida do seu Rolla?

C. A. – Como acho que hoje é... Acontece nos espetáculos anuais de todas as turmas, cada turma apresentava uma coreografia, eu tive a honra de dançar no Teatro São Pedro¹² e depois a gente foi indo para outros teatros, mas ele tinha também além desse espetáculo anual, como ele tinha uma escola dentro do Araújo Vianna à gente fazia uma apresentação depois no Araújo Vianna, então eram dois espetáculos anuais, era sempre o espetáculo de final do ano, ele depois fazia uma apresentação no Araújo aí com as turmas mais adiantadas. Daí fazia com entrada franca, como uma retribuição pela cedência do espaço que eles tinham.

M. C. – E como se deu o estreitamento então, de ti com ele?

C. A. – Eu acho que foi [risos] muito engraçado isto, na verdade eu sempre fui muito apaixonada por ele assim, por essa coisa criativa, quando eu comecei a criar eu comecei a dialogar mais com ele assim... *Não!* Primeiro veio quando ele perdeu a escola, deixa eu te dizer...

¹² Teatro São Pedro em Porto Alegre.

M. C. – É, gostaria que tu contasses isso.

C. A. – Bom o que aconteceu, eu me formei e fui para a França, fui para Toulouse, fiz aula lá em Toulouse, eu consegui uma bolsa e fui fazer aula de dança clássica. Eu queria ser uma bailarina de dança clássica, apesar de ter toda eu acho, uma disposição assim artísticas mesmo, para uma linguagem mais teatral, mas eu insistia... Quando eu fui parar em Toulouse que eu vi que já tinha perdido muito tempo porque eu já não estava mais jovem já tinham vinte anos e as meninas lá tinham treze anos... Mas ao mesmo tempo era uma grande escola. Eu fazia aula todos os dias, quatro aulas por dia, então foi um trabalho muito intenso. Então eu saio da França vou para África. Minha irmã foi morar na África num país que hoje se chama Burkinafasso. Haute Volta, na minha época, capital Ouagadougou. Vou para a África, terceiro país mais pobre do mundo, e acabo ministrando aula voluntariamente para um monte de crianças lá, e começou ali também uma vontade de coreografar de criar. Porque eu tinha que fazer tudo lá, eu tinha que fazer o sapato, não existia nada. Então tu imaginas a gente comprava o tecido, criava sapato de tecido, roupa de tecido. Quando eu voltei fui fazer aula com o seu Rolla, voltei lá, porque ele sempre tinha uma turma que era das formadas...

M. C. – Quanto tempo tu ficou fora?

C. A. – Acho que um ano e pouco assim... E o que é que acontece? O seu Rolla me convida para fazer aula e ali é que ele me leva para esses grupos que eu te falei, é que eu começo a ser bailarina, aí eu começo a dar aula para poder me manter, começo a dar aula em vários lugares, e começo a ter um desejo imenso de coreografar assim...

M. C. – Mas continua dançando com o professor Rolla?

C. A. – Sempre fazendo aula lá... Eu acho que participei só de mais um espetáculo com ele, porque aí eu já fui tentar ser bailarina profissional nesses grupos que eu te relatei. Aí eu começo a tentar essa carreira profissional, como bailarina, mas sempre ia visitá-lo ou a gente se encontrava para tomar caipirinha e comer a pizza que era o que ele adorava e falar da vida e falar das coreografias...

M. C. – Tu ia até a casa dele?

C. A. – Eu ia até a casa dele ali na frente do Araujo Viana ou a gente se combinava e se encontrava... E aí a gente começou a sair, aí no meio disso veio quando ele foi... Quando tiraram a escola dele, por problemas políticos, sempre se falavam que iam colocar a prima ou a irmã do prefeito não sei... *Foi horrível, foi horrível...*

M. C. – Para dar aula?

C. A. – Para dar aula! Seu Rolla já estava lá há anos naquele espaço, aí só se conseguiu, só se conseguiu que ninguém fosse para lá, mas não se conseguiu que ele ficasse. Então aí foi à morte. Aí foi à morte do seu Rolla, aí essa vivência dele... aí eu comecei a acompanhar porque isso eu fui vendo...

M. C. – Porque tu consideras a morte dele?

C. A. – Porque ele ficou sem trabalho, ficou sem trabalho aí o que a gente fez, eu tinha uma sala de dança, a Isabel Beltrão¹³ também tinha que é outra professora que tem uma escola hoje, e aí ele começou a última turma dele, ele começou a dar aula lá para Isabel, e eu chamei o seu Rolla e pagava para ele hora/aula, assim muito baixo o valor, para dar aula para o meu grupo. Aí eu ia buscá-lo de táxi e a gente tinha que fazer tudo isso, mas aí ele já estava começando a ficar deprimido, sabe a vida foi muito cruel. Foi um cara que nunca teve nada, tudo que tinha gastou, dividiu, sei que parece que ele ajudou todo mundo, os sobrinhos... não comprou nem apartamento, era alugado. E ali então, o que é que acontece? Em uma cooperação e uma pessoa que foi maravilha que se chamou Sonia Duro¹⁴ também já está falecida, que era uma professora depois virou produtora de dança, conseguiu do governo do estado uma aposentadoria para o seu Rolla, que eu acredito que hoje fosse o que? Um salário mínimo... Um valor muito baixo, mas deu uma certa dignidade para ele, porque era do governo do estado, eu [choro]... É bem difícil...

M. C. – Eu imagino!

C. A. – Eu tenho pena dele [choro], foi bem difícil.

M. C. – Vamos tomar um copo de água?

¹³ Isabel Beltrão, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

C. A. – Vamos!

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]¹⁵

C. A. – Obrigada pela gentileza!

M. C. – Imagina, é sempre bom tomar água e ter um tempinho para respirar.

C. A. – Bom, eu acho que eu só me emociono porque ele não era um coitadinho ele era uma criador! Então eu fico pensando, é ... a cidade é cruel... Porto Alegre tem isso com os seus artistas. Então assim, ele era um cara criativo, um cara inteligente, então aos poucos a gente ia vendo, por exemplo, o fato de eu convidá-lo para dar aula na minha escola, eu me doía, porque eu não podia pagá-lo muito, mas ao mesmo tempo eu sabia que tinha uma dor ali dele, de ter aquela escola e estar indo... mas a gente tentava criar nesses convites um espaço onde ele estivesse sempre homenageado assim, aí nós começamos ir junto com a Sonia, uma ex-aluna fez um livro com depoimentos de alguns alunos, tu debes ter visto já este livro, e exposições, começando a tentar que o nome dele continuasse vivo e que se talvez pudesse reverter, não sei.

M. C. – Entendo... e que aula ele ministrava na tua escola?

C. A. – Aula de Ballet Clássico ele dava para o meu grupo, que eu tenho até hoje, então ele era um convidado especial... uma vez por semana... mas até para a nós era um pouco complicado, porque a gente tinha que ir buscá-lo de táxi ou trazê-lo, e levar era uma coisa assim... E em uma certa época era oneroso porque a gente não tinha muitas condições, mas a gente precisava, junto com a Leta, era uma escola que eu tinha junto com a Leta a gente tinha uma espaço que se chamava Atelier de Dança, e na época a gente criou um grupo que a Leta criou junto comigo, que tem até hoje o grupo que é o Terpsi. Então era para essas pessoas do Terpsi, e de vez em quando nós convidávamos os alunos mais adiantados, e depois então para poder ele continuar dando aula.

M. C. – E o que ele te passava sobre dar estas aulas. Ele fazia com prazer?

¹⁵ Houve a interrupção de gravação, pois a entrevistada se emocionou.

C. A. – Não, ele reclamava muito de dizer naquela época “não eu não vou, porque têm que buscar e não sei o que lá...”, mas quando ele chegava lá parece que tinha, sei lá uma luz que tinha que se transformava, as dores, a doença, até chegar lá a gente tinha que ficar carregando, chegava lá ele girava fazia tudo, aí ele ficava doente quando saía. Aí tu ias vendo tudo aquilo, e aquilo era *muito doloroso* assim, e talvez hoje eu acho que mais velha talvez eu tivesse mais potência para gritar para a prefeitura, na época a gente tinha, mas tinha uma fragilidade da juventude, tu ousa de umas coisas, mas nessas questões políticas assim, não sei... Na nossa época era assim, hoje talvez não. Porque eu fico pensando nas minhas filhas eu estou sempre dizendo não deixem as coisas passar, então acho que tinha isso, e claro aí ele vai adoecendo...

M. C. – Que doença ele tinha Carlota?

C. A. – Olha eu acho assim, foi o coração, eu acho que a depressão, eu acho que sabe aquela... Tudo que pode envolver aí ele começou se alimentar mal...

M. C. – Ele morava sozinho?

C. A. – Morava sozinho, e depois de um tempo acho que teve uma enfermeira lá que a sobrinha pagava, porque a aposentadoria eu acho que não pagava nem o aluguel, aí a gente tentou, junto com a Tânia¹⁶, a gente pegou uns discos, alguns discos dele e o meu marido gravou, na época não tinha aula para dança e ele comprava discos LP's para poder dar aula, porque depois até mesmo tendo pianista tinha algumas turmas que não eram com pianista, e aí então a gente gravou fitas e tentou vender essas fitas, tentou vender, o meu marido gravou várias fitas para vender para dar um dinheiro para ele... Só que de um jeito de dar um dinheiro para ele, sem chegar lá dando.

M. C. – Entendo.

C. A. – Então a gente foi criando um mundo de tentar tirar, porque assim no fundo a gente via, e talvez todos que fossem lá visitá-lo que ele não ia poder ficar aí muito tempo, financeiramente na casa dele. Mas isso também a gente saía, aí a gente começou a sair de novo para tomar caipirinha, convidava ele em tudo, buscava, ele começou a ser o grande

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

parceiro, e aí o grande ensinamento dele foi... Começava a contar histórias, só que esse espírito de pesquisadora, por exemplo, eu não tinha.

M. C. – Sim!

C. A. – É eu me lembro que a Sayo¹⁷ ainda foi lá e fez uma entrevista com ele, e então muitas e muitas coisas que ele me contou se foram eu perdi também eu esqueci algumas... Só que na verdade, eu te digo, ele foi um grande coreógrafo para o seu tempo, para aquelas... Eu acho que o seu Rolla... E claro que na época eu acho que essa profissão eu falo isso entre aspas a coreografia, não era como hoje tão pesquisada e reconhecida não sei nem que termo usar, eu acho que ele tinha esse encantamento eu me lembro de trabalhos deles impressionantes. E tinha uma dramaticidade o que eu gosto e acho que a gente começou a ficar amigo assim, muito amigo porque assim, amigo pai, ou mais amigo do que pai, amigo mesmo, porque a minha criação também começou a tocá-lo ele começou a me reconhecer como criadora, e tudo que ele via que eu fazia ele gostava muito e acionava o desejo nele de coreografar, ele me disse isso. E aí teve, por exemplo, uma vez a Cristina Fragoso¹⁸ comprou uma coreografia dele, uma coisa de remontagem que isso não existia, só para grandes clássicos, ou... Hoje sim os coreógrafos vendem os contemporâneos, as coreografias, então foi um momento superimportante para ele, uma coreografia dele ser comprada por uma outra escola, que a Cris Fragoso fez. Então, esse momento acho que ele era um grande criador, acho que ele foi uma vanguarda, ele veio antes de um tempo. E isso eu falo assim não é tanto afeto, eu acho que é uma realidade, porque, por exemplo, ele teve um espetáculo que eu não sei se foi o Assassinato na Quinta Avenida, não sei o nome, mas que ele fez lá no Teatro São Pedro. Os camarotes, as frisas que tem ali no palco ele fez o juiz, os advogados de defesa, os de acusação, o assassinato acontecia, e ele usou outro espaço e nem se dava conta que ele estava usando, hoje quebrando a quarta parede, hoje existem discussões acadêmicas sobre obras assim. Então pena que na época a gente não tinha, acho que a única universidade de dança que tinha era a da Bahia¹⁹, a dança ainda tinha essa fragilidade de pensar em fazer no mundo acadêmico e acho que tinha pouca coisa escrita nem tinha vídeo ou se tinha eram muito caro na época, nem sei se tem alguma

¹⁷ Sayonara Sousa Pereira, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁸ Cristina Fragoso é bailarina e proprietária do Studio Cris Fragoso.

¹⁹ UFBA - Universidade Federal da Bahia

obra dele que está em vídeo, acho que não tem nada. Então ele era um grande criador, sensível, e arrojado sem preconceito... Sabe nunca vi ele falar mal de ninguém profundamente assim sabe, nunca, nunca vi, e ele era um cara que ia para a noite, ia para bailes, passava a noite nos boteco assim da criação, saía, era um artista assim, era dele esse lado, só que esse lado como a gente era criança eu não vi, eu vivenciei um outro lado, mas já com ele um pouco debilitado assim, mas ao mesmo tempo... Nesses momentos que a gente tinha, ou eu ia no apartamento ou algumas outras pessoas iam também, ou a gente ia sair para comer pizza, então... Tomar caipirinha, porque ele adorava. Então tu tinha que comprar caipirinha.

M. C. – Certo! Tu me falou ainda antes de nós iniciarmos a gravação, tu me citou algo sobre diapositivos, slides, me fala do que se tratam, registros do que nesses slides?

C. A. – Bom, então tem uns slides que foram tirados dos espetáculos... Como se fossem fotos, na época assim, eu sei que quem tirou foi o pai da Regina Guimarães... Que ele era um fotógrafo profissional e algumas coisas, como o seu Rolla me deu os figurinos, me deu os discos e algum material, outro material... A sobrinha dele também quando ele faleceu me entregou o resto e junto vieram esses, ele já tinha me dado alguns slides para que eu... Nós estávamos tentando na verdade, eu tinha alguns slides para tentar fazer fotos, para tentar fazer uma exposição, para fazer um museu da dança sabe, e o nome dele seria o nome do museu da dança. Então se tentou, mas isso antes das leis de incentivo, a gente tentou alguma coisa, então eu tenho esse material assim, e durante um tempo a gente tentou... Ficou comigo para tentar fazer deixar um espaço, se pensou até no Teatro de Arena em função da Sonia Duro, que foi a pessoa que... Que está lá o nome dela, tem a sala Sonia Duro, que foi uma pessoa que trabalhou e batalhou pelo salário que ele terminou na vida... Mas, aí depois como o acervo ficou aqui que também foi legal e a gente veio quando o primeiro, quando ele, eu acho que ele vendeu, ele vendeu porque foi quando ele não podia se conseguir, não sei quem, então se fazia esse tipo de mentira [risos], a gente conseguiu alguma coisa para não dizer que estaria diretamente ajudando... “Seu Rolla vamos! Venda seu Rolla!”, então só... De qualquer maneira foram momentos lindos, porque ele disse “é doação, porque por esse valor...”, claro imagina a vida inteira aquele material que ele deve ter pago muito caro, porque devia ter vindo de outro país, claro que o valor pago a ele jamais seria o valor que ele investiu. Então ele tinha muito disso que ele

estaria doando, mas na época não tinha dança, Universidade de Dança, era no campo da Educação Física, então a gente pensou em criar um museu da dança alguma coisa assim, só que isso não foi, até com ele vivo a gente pensou. “Quem sabe seu Rolla vamos fazer um museu”. Então acho que a gente ficava imaginando, e acho que a gente ficava na verdade... Agora falando contigo, acho que na verdade a gente ficava pensando, a gente ficava coreografando [risos], na casa dele, ele fazia um cafezinho, e por que quando ele estava no apartamento ele estava maravilhoso também, apesar com todas as dificuldades, mas acho que ele teve uma espécie de AVC, não sei te dizer, porque eu nunca queria saber o que ele tinha, eu não queria saber da doença dele... Eu queria... É uma coisa para me proteger, eu estava... Eu tinha medo do fim, então... Acho que ele teve uma espécie de AVC, eu não sei, e acabou indo para uma clínica, porque a própria sobrinha não tinha quem cuidasse, a gente tentou outras possibilidades, e eu queria levar ele para a minha casa [risos], mas eu não tinha condições nem pra minha casa, e... por que eu pensei, eu cheguei na minha... Porque ele era uma pessoa... Mas, não dava, aí foi uma depressão, eu também entrei em uma depressão assim, e a gente começou a ir em um asilo eu ainda consegui no primeiro asilo que ele esteve a gente fez um espetáculo lá para ele, eu levei o Terpsi e pedi para os bailarinos se eles me davam de presente para eu dar para o senhor Rolla de presente, então no aniversário dele a gente dançou, aí ele ficou todo *feliz, a minha aluna*, na época também a Tânia²⁰ estava, que também era aluna dele, a Leta²¹ acho que já tinha saído, aí ele ficou *todo feliz, se exibiu lá no asilo*... Aí nesse momento ele tava melhor fisicamente, e sempre no aniversário dele a gente saia todos! Aí juntava os alunos, ex-alunos, e a nossa relação era como se tivesse ficado cinco anos sem ver algum colega teu, neste momento a gente se reunia e todo mundo parecia que tinha se visto ontem. E isso é uma energia impressionante, uma coisa dele, de tentar, e... Só que aos poucos ele foi ficando debilitado assim, e aí já nas ultimas vezes ele até me dizia, “Carlota o que é que eu fiz? Tu achas que eu fui ruim, para merecer isso?” e aí foi muito horrível! Aí foi indo, foi indo...

M. C. – Ele não gostava de estar só, era isso Carlota?

C. A. – Não! Ele não gostava da velhice, não poder mais caminhar, não ter que... Ele não estava feliz, ficar dependendo, um pobre coitado sabe, ele queria ir embora. Então foi um

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Maria Celeste Spolaor Etges, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

alívio quando ele foi, porque eu não aguentava mais, foi *muito feio*, muito ruim. Mas assim, eu acho que... Não sei se é uma fantasia minha, mas me parece que foi uma depressão que foi fazendo ele doente, na minha cabeça eu acho que se ele tivesse ativo, isso não aconteceria, não sei o que as outras meninas falaram. Mas, como eu ia sempre lá no asilo, na minha cabeça ele foi se deprimindo, e era depressivo, era *horrível* [riso], porque era aqueles asilos... Acho que a maioria infelizmente é assim, sem atividade. Para um artista, aí eu fiquei pensando, porque ele não foi para a Casa do Artista, mas acho que é porque ele precisava de cuidados, porque para um artista entende? Um cara antes do seu tempo estar ali como pessoa era, era... Devia ser horrível para ele.

M. C. – Entendo. Bem nós já estamos nos encaminhando para final, mas já que tu falas sobre o museu, eu queria te dizer que nós temos o repositório digital...

C. A. – Sim!

M. C. – Que é classificado hoje como museu, então todo o acervo ele está sendo digitalizado, passado para este repositório, ou seja, mundialmente as histórias serão conhecidas... Então se tu tiveres algum material... Tu podes ter certeza que a visibilidade será dada especialmente e nesse momento eu me coloco nessa responsabilidade, porque a minha pesquisa é sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla, então é um interesse meu, de pesquisadora, que todo este material seja visibilizado.

C. A. – Eu vou assim, eu vou pegar o material todo, os cadernos, eu só vou falar dos slides, porque eu sei que foi o pai da Regina. E ela me colocou “a, mas, os slides foi o meu pai que tirou”, mas eu disse que foi o seu Rolla que me deu Regina, mas só para colocar talvez, se vocês pudessem digitalizar, eu não sei como é que seria.

M. C. – Nós podemos... copiar o material que tu queira doar...

C. A. – Aí depois se a Regina quiser, porque era a obra do pai dela... Eu sei que foto, as do pai dela eu não sei realmente quais são. Esses cadernos, que são interessantes, porque era uma escola que era ligada, o nosso diploma era ligado com a Secretaria de Educação, então a gente tem um número. Então eu acredito... A gente pensou pesquisar uma vez, se era

como um curso técnico na época não sei, porque a secretária de educação ia lá e avaliava a escola e avalizava os alunos, por isso que tinha a formatura e eu tenho as avaliações também da secretaria esses cadernos que ele guardava o cadastro que ela ia, e alguns coreografias que ele transcrevia e as aulas.

M. C. – Bom, o material que tu não quiseres doar, podemos digitalizar e te devolver.

C. A. – Sim, na verdade eu jamais pensei em ficar comigo [risos] eu queria que tivesse uma visibilidade, que ele pudesse ser reconhecido pelo trabalho que é o grande professor, mas acho que isso está sendo legal aqui pela Universidade, e acho bacana este caminho, a pesar que a gente queria uma coisa na Mario Quintana²², a gente tinha pensando, mas isso foi tudo também... Isso enquanto ele estava vivo, a gente pensou em conseguir uma sala para ele, que ele desse aula, palestras, mas depois a Sonia Duro faleceu e aí ela era uma pessoa que era a grande empreendedora desse processo de produção, então eu vou ver e eu trago aqui. Muitos figurinos infelizmente, por exemplo, foram roubados no museu. Ele me deu muitos figurinos, eu usava até em coreografias coisas maravilhosas que o Catani²³ que é o figurinista, também isso, ele contratava o Catani que era um figurinista super arrojado para desenhar as obras. Ele investia no espetáculo, em um espetáculo de escola onde, não sei quanto ele gastava, mas imagino que ele devia gastar *muito dinheiro*, e ele investia, e eu tinha muitos desses figurinos do Catani que ele me deu, mas um dia entraram no museu do trabalho onde Terpsi ensaia, e essas roupas estavam em sacos e eles roubaram, a única coisa que eu tenho que é a capa, a primeira capa do primeiro personagem que o seu Rolla fez que isso está comigo, a gente poderia fazer uma exposição... Mas, acho que eu poderia pensar, eu não sei vocês tem acervo de figurino?

M. C. – Sim!

C. A. – Essa capa está um pouco manchada, e aí eu vou pensar na capa [risos].

M. C. – Com carinho, com todo cuidado do mundo, porque se tu quiseres a gente pode fazer uma sessão de fotos da capa.

²² Casa de Cultura Mario Quintana.

²³ Dirson Cattani.

C. A. – Sim! É eu acho que no livro tem é a primeira foto dele com aquela capa, aquela capa ele me deu, é aquela capa...

M. C. – Bom agora terminando a entrevista Carlota, eu gostaria que tu me dissesse se tem mais alguma coisa que tu queres deixar registrado?

C. A. – É assim, é super... Eu estou bastante emocionada com essas coisas de [choro]... Do fim do seu Rolla me incomoda muito [choro]... Eu acho que poderíamos ter feito mais, eu acho assim, todos nós... Essa foi uma fala emocional assim, mas friamente falando eu acho que ele era um grande criador assim, eu acho que talvez tentar resgatar suas obras em fotos, talvez pudesse mostrar um pouco do que ele era assim, uma coisa maluca que tem que ser... Já que essa entrevista virou uma choradeira [risos], mais emocional do que acadêmica, pensei em ser bem fria, mas não consegui. Por isso que eu nem gosto de falar muitas coisas do seu Rolla, porque eu sempre choro, eu não gosto, só chora, só chora, o Rafael²⁴ brinca comigo. É que eu acho que ele foi na verdade... Pra tu veres quantas pessoas... ele foi um grande apaixonado pela dança e conseguiu transmitir para os alunos, porque eu não sei se tem algum professor aqui na cidade, ou no estado que tenha tantos alunos que continuaram com a dança, isso é uma coisa boa de pesquisar assim, se nas outras escolas tantas pessoas continuaram sendo, utilizando a dança como um meio de expressão, seja no mundo acadêmico, seja no movimento artístico, de pesquisa, enfim. Isso já é por si, um grande fato de ser pesquisado, entende assim, porque não é por nada que isso acontece, porque ele? É porque ele tinha isso, ele tinha uma coisa de ver que era um antes do tempo, eu nunca, por exemplo... Eu, eu fico pensando hoje aqui na Pina Bausch²⁵, eu amo e adoro, pesquiso a dança de teatro. E eu me lembro que ele na época me contou, que quando a Pina Bausch veio aqui, que eu nem pensaria em assistir, ele foi, pouquíssimas pessoas ficaram no então teatro da Ospa²⁶ que era o Leopoldina que é ali na avenida Independência, e ele não foi embora, disse que as pessoas saiam foi o Café Muller Datena e eu sei que as pessoas iam embora, o público ficou chocado com a obra...

M. C. – Não ficavam até o fim?

²⁴ Nome sujeito a confirmação.

²⁵ Phlippine Bausch, coreógrafa e bailarina alemã.

²⁶ OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

C. A. – Não ficavam até o fim, e ele disse que ficou, e ele era um professor de dança clássica. E eu faço, eu sei a minha amiga Eneida²⁷ me disse também que ficou “eu fiquei!”, mas é que ele era um professor de dança clássica acadêmica, então para ver a cabeça dessa pessoa que se fascinou com isso, com a obra, e ele adorava os modernos, e acho que ele era um moderno, então talvez por isso que eu falo na questão técnica clássica ele, todo mundo tem suas limitações, eu acho que uma escola que sempre... Hoje em dia tu sabes uma técnica profundamente ... qual a técnica que vão utilizar ou se é do mundo moderno, tu tens que te aprofundar muito para conhecer isso, ou dar uma visão de um todo, e chamar pessoas que vivenciaram muito tempo essa técnica, então isso ele sabia. O que hoje é da natureza da academia, ele tinha enquanto professor. Eu me lembro quando ele chamava “não, Walter²⁸ vai dar essa aula clássica!”, e isso, isso e isso. Ele sabia da importância de tu trazeres pessoas para o crescimento, e outra coisa que eu acho importante também é que às vezes alguns alunos, e algumas pessoas que estiveram com ele, ele pagava para que essas pessoas pudessem sair do país, ou da cidade, para poder tentar a sua carreira. E é pena se tu conseguires conversar, não sei se é possível, com o Ademar²⁹, que o Ademar foi o grande amigo do seu Rolla, ele foi para o Ballet Stagium e o Ademar sabe muitas coisas do seu Rolla, porque eles vivenciaram outras coisas que a gente era jovem, menina e não participei, eu sei da contação do seu Rolla, mas ele sempre também conversava... No final assim, ele já falava coisas mais íntimas, mas no início era um homem falando para a aluna, ou um homem falando para a mulher com as suas restrições, daquele pré-conceito que tinham na época, depois sim, depois a gente foi virando os amigos, e aí algumas das intimidades eram reveladas, mas de qualquer maneira eu acho que o Ademar tem muito da vida do seu Rolla e talvez fosse muito legal também reconhecer o Ademar, eu sei que ele está morando no Stagium e não estava bem... O Flávio³⁰ que é outro bailarino do seu Rolla também, são os dois homens que estiveram na escola, eu acho que já que tu vais pesquisar, eu acho que seria *muito importante...*

M. C. – E como eu faço para conseguir esses contatos?

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

²⁸ Walter Arias.

²⁹ Ademar Dornelles Patta, ex-aluno da Escola de Dança João Luiz Rolla.

³⁰ Luiz Flavio Alves Rodrigues, ex-aluno da Escola de Dança João Luiz Rolla.

C. A. – A Regina tem o contato do Flávio... Flávio bailarino. E se ela tem o telefone do Ademar, eu acho... Porque o Ademar está no Ballet Stagium, ele mora hoje no Ballet Stagium, sei que está passando dificuldades assim. Claro, a pesquisa não pode trazê-lo aqui eu acho...

M. C. – Mas podemos tentar por telefone.

C. A. – E eu acho que são duas pessoas importantes, porque até eu gostaria de ir, eu tinha vontade até, eu estava falando para a Sayo, de ter um encontro, com esse lado masculino assim, o que eles contariam, talvez não fosse interessante para a pesquisa, mas sim para ver que universo é esse que o seu Rolla habitava também na época. Era metódico, organizado, colocava os sapatinhos, as coisinhas tudo no mesmo... Sempre ele tinha um ritual assim, e um respeito por todos, que era impressionante. Um “gentleman”, ele era também muito chato, reclamava de todas essas coisas, se tu faltava ele implicava. Mas eu fico pensando para um homem na época ter assumido uma escola de dança, e fico pensando mais ainda para as mães da época terem suas filhas sendo alunas de um professor. Na minha época, quando eu entrei não, mas... antes, um professor de dança cheio de preconceitos assim, porque tinha sabe, e eu fico pensando que maluquice, o que é que vinha na cabeça dele...

M. C. – E ele nunca te comentou isso?...

C. A. – Não! Nunca, a gente nunca chegou assim, a gente falava de questões políticas, de questões artísticas, uma vez eu perguntei se o seu Rolla se apaixonou, e parece que ele foi apaixonado por uma pianista ou um pianista, ninguém sabe essas revelações [risos], depois a gente falava mesmo coisas de vida, de criação, o que é que a gente podia fazer, o que não podia, do que ele tinha visto, de quem tinha incomodado, dos erros, mas isso ali eu acho que na pesquisa não interessa erros de vida assim, de ter ajudado alguém, de ter sido traído essas questões que magoavam... Se a dança não deu certo, poderia ter outro lugar... Mas ele nunca pensou no futuro também, sei que ele sempre foi um “bom vivant”, eu sei que ele ajudava todo mundo, todo mundo, e isso financeiramente inclusive, de técnicos, de tudo, terminava o espetáculo ele pagava a janta ... Ele achava que não iria envelhecer ele mesmo dizia “a gente sempre acha que não vai envelhecer”, só que ele não se preparou, também foi um susto a perda da escola eu acho que é uma grande perda também, isso eu gostaria de deixar gravado! O que uma política pública pode, enfim, poderia ter deixado lá e depois

ter... Quando o seu Rolla se aposentasse efetivamente, o nome de uma outra pessoa para dar continuidade, acho que é um dos grandes erros das políticas públicas da cidade, de não reconhecer! Acho que a dança sofreu, sofre muito com isso, quanto a arte nesse sentido assim de difusão mesmo de história, de não ter nenhuma companhia oficial nesse sentido assim. E ele era ... muito politizado, ele lutava pela associação dos professores, ele não era ausente nisso. É isso! Se eu lembrar mais depois eu te aviso...

M. C. – Então o CEME agradece a tua disponibilidade em conceder esta entrevista.

C. A. – Então tá, e desculpa por chorar [risos] Acho que todos se emocionaram...

M. C. – É verdade, todas, todos é verdade. Muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]